

João Paulo 2º se encontrou com líderes indígenas e falou sobre o direito deles viverem com tranquilidade no respeito às suas próprias tradições e costumes. E criticou a luta pela posse de terra.

Papa condena a violência contra os índios



O papa João Paulo 2º defendeu ontem à tarde, em Cuiabá (MT), durante encontro com 160 líderes indígenas de todo o país, os direitos

dos índios "a uma vida própria e tranquila, no respeito aos valores positivos das suas tradições, costumes e culturas". No encontro, o papa recebeu documento dos índios denunciando que, desde sua visita em 1980, 141 indígenas foram assassinados no Brasil, a maioria deles na Amazônia. A principal causa dos crimes foi a posse da terra. Somente este ano, de acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foram mortos 12 índios no Brasil, um a mais que em 1990.

O documento entregue ao papa, no Departamento de Ação Social Arquidiocesano (DAS), foi redigido pelos próprios indígenas. A entrega foi feita pela índia guarani Nhandeva Edna Silva de Souza — filha de Marça Tupá-Y, o índio que discursou para o papa há onze anos, em Manaus e que foi assassinado em 1983. Nas duas páginas manuscritas, os índios apresentam ao papa suas preocupações ligadas à comemoração dos 500 anos do descobrimento da América, a situação da terra no Brasil, a violência, o impacto ambiental e social dos projetos sócio-econômicos governamentais, além das perspectivas futuras.

"Do lado dos índios"

Depois do documento dos índios, o papa recebeu uma carta do Cimi — ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — e responsável pela pastoral indigenista no País. O Mato Grosso tem, hoje, cerca de 18 mil índios, repartidos em 33 grupos. A maior nação indígena é a dos xavantes, com sete mil pessoas. No discurso que fez para as lideranças desses povos, o papa afirmou que tem recebido, "com grande dor", notícias sobre violações dos direitos indígenas, "motivadas pela ganância e por interesses escusos, com graves repercussões sobre a vida, a saúde e a sobrevivência de alguns grupos indígenas". Pediu, então, "aos responsáveis pelo bem comum deste País, que encontrem soluções sábias e eficientes para essas situações lastimáveis". Repetindo a mensagem do discurso de 1980, em Manaus, o papa afirmou, enfaticamente, que a Igreja "tem estado e continuará a estar sempre ao lado" dos índios.

Mais adiante, condenou atentados e violências contra os indígenas ("Nenhum ser humano tem o direito de atentar contra a própria vida ou a de seu irmão. A vida é um dom de Deus"). Essa referência liga-se também aos numerosos casos de suicídios de índios no Mato Grosso, desiludidos com a descaracterização de sua cultura.

João Paulo 2º tomou partido, em seguida, no seu discurso, na disputa ideológica que ocorre na Igreja Católica em torno do significado dos 500 anos do descobrimento e da evangelização da América Latina. Os progressistas preferem chamar o descobrimento de "invasão" e criticam a aliança mantida, à época da colonização da América, entre os missionários e os conquistadores.

Depois de destacar que os missionários realizaram, na história da América Latina, "uma epopéia grandiosa", o papa disse não poder negar a grande dor que sente, "ao tomar conhecimento de que



Wilson Peres/VE

O presidente Collor e a primeira-dama acompanham o papa até a Base Aérea de Brasília (acima). Durante o encontro com os líderes indígenas, em Cuiabá (dir.), a índia bororó Santa dos Anjos Kugo coloca um cocar de penas azuis na cabeça de João Paulo 2º.



alguns poucos tem tentado denegá-los, com uma visão distorcida, mais política e ideológica do que religiosa, da história da evangelização no Brasil".

Com isto, João Paulo 2º desautorizou os historiadores e teólogos da libertação que fazem uma leitura crítica dos 500 anos da história latino-americana. Esses teólogos lembram, em seus estudos, que a associação entre descobrimento da América e a evangelização representou historicamente a legitimação da matança dos índios e da escravidão dos negros.

Dermi Azevedo